

Maria Isabel Aldinhas Ferreira

Instituto de Lexicologia e Lexicografia da Língua

Portuguesa-Academia das Ciências.

A PROPÓSITO DE PARQUE ...

Alguns aspectos da sintaxe de expressões nominais

0. Introdução

Escassos são os trabalhos que descrevem, em extensão ou simplesmente baseados numa amostragem significativa, o comportamento de nominais. No caso do Português, para além das considerações tecidas a este propósito por Oscar Lopes, em "Gramática Simbólica do Português" (1971), por Mira Mateus et alii (1989) e do trabalho de Ranchod (1990) - sobre o comportamento dos predicados nominais com estar - regista-se uma total ausência de descrições.

O facto de haver um reduzido número de descrições em extensão relativamente ao comportamento de predicadores verbais, adjectivais e nominais não permite que se tenha uma visão global e completa do comportamento dos vários núcleos de predicação e que, conseqüentemente, se determine com exactidão as regras que regulamentam a gramática da língua.

De um ponto de vista sintáctico e semântico, os nomes parecem à partida dividir-se em duas grandes subcategorias:

1º Aqueles que constituem núcleos de predicação e que, sendo predicadores de tipo nominal, apresentam um quadro de valência idên-

tico àquele que foi definido em Aldinhas Ferreira (1990) para os predicadores de tipo verbal.

e.g. A fé X em Y

Esquema de regência

X. (Hum.)Exp.

Y. (Hum./Não hum)Obj.

1 = X	2 = Y
. de N	. em N
. dele	. nele
	. nisso

Era impressionante a fé dele numa resolução pacífica para a crise do Golfo.

2º Aqueles que, constituindo núcleos de predicação, podem apresentar, ou não, um elemento complementar na sua esfera de regência.

Esta breve apresentação centrar-se-á em problemas relativos ao segundo grupo.

Ao observarmos atentamente o comportamento de nominais, verificamos que as formas que, a priori, imaginámos constituírem, só por si, unidades de sentido, detentoras de grande independência em termos sintácticos, são muitíssimo mais raras do que as combinações mais ou menos fixas em que essas mesmas unidades se podem organizar.

Embora as descrições lexicográficas pareçam atestar geralmente o contrário e a gramática tradicional não dê conta do fenómeno, a maior parte dos nominais realiza-se com complementos regidos e não isoladamente.

Como Igor Mel'cuk refere, a este propósito, a proporção entre

elementos do léxico com existência autónoma e sequências organizadas desses mesmos elementos (frasemas) é de um para cinquenta. Isto leva-nos a pensar que realmente só um nível abstracto poderemos conceber unidades isoladas constituindo entradas lexicais independentes e portadoras de determinados traços.

Na verdade, o que acontece é que os diversos elementos do léxico se organizam em relações de regência \longleftrightarrow dependência, sendo as solidariedades e restrições de tipo lexical dois dos critérios fundamentais para essa organização.

O facto de nos debruçarmos sobre cada elemento, isoladamente, é unicamente motivado por questões metodológicas. As solidariedades lexicais manifestam-se através da forma como as várias unidades seleccionam co-ocorrentes em paradigmas que podem ser preenchidos por n elementos, ou, simplesmente, por um único elemento desse mesmo léxico.

À semelhança de Mel'cuk, designarei estas sequências, mais ou menos complexas, por frasemas. Os frasemas podem ser de vários tipos:

a) Podemos, por exemplo, ter sequências em que dois elementos co-ocorrem preferencialmente, sendo o sentido do frasma composicional, ou seja, resultante da conjugação dos sentidos de cada uma das unidades iniciais. Verificamos, nomeadamente, em relação à unidade céu que selecciona preferencialmente azul, cinzento para co-ocorrerem, e não verde ou amarelo. O sentido do frasma céu azul deriva da conjugação dos sentidos de cada um dos elementos que o constituem e que não perdem nesta conjugação a sua própria identidade, em termos de referência. Azul e cinzento designados por colocações em relação a céu.

b) Podemos, por outro lado, ter sequências em que o sentido do frasma não é composicional. Este é o caso de frasemas do tipo história cor-de-rosa em que, no entanto, parte do referente se mantém, visto que designa um determinado acontecimento, episódio, ... feliz.

c) Temos, finalmente, o caso em que vários elementos lexicais asseguram uma constelação com sentido próprio, geralmente figurativa e culturalmente motivada. Estou a referir-me a unidades fraseológicas que são núcleos de predicação do tipo "bater a toca".

Como presente tudo o que atrás se afirmou, verifica-se o facto de ser impossível caracterizar os vários elementos do léxico, sem se terem em conta os principais contextos em que estes podem ocorrer, isto é, não tendo conta a sua distribuição.

1. Distribuição léxico-sintáctica do nominal parque

Foram precisamente alguns aspectos interessantes, relativamente à distribuição do nominal parque do ponto de vista das estruturas de complementação, que me levaram a elaborar o presente artigo. Para tal, recolheu-se um pequeno corpus a partir de serviços noticiosos ou informativos da televisão, tendo sido completado pela introspecção da analista.

O resultado final foi confrontado com o tratamento dado a este item lexical nos dicionários portugueses de Moraes e Silva (10ª ed.) e "Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa" (2ª ed.),

ben como no dicionário de espanhol de Alvar Ezquerro, no dicionário de francês "Grand Larousse" e nos dicionários ingleses "Cobuild Dictionary" e "Longman Dictionary of Contemporary English".

Apresentar-se-ão primeiramente os resultados da análise efectuada, para, posteriormente, serem confrontados com o tratamento dado nos dicionários acima referidos.

1.1.

Assim, em primeiro lugar, parque parece funcionar como uma forma com alguma autonomia, como o atestam as frases

- (1) Foste hoje ao parque?
- (2) O parque Eduardo VII estava lindo.
- (3) Ele anda a passear o cão no parque.

Não parece haver em (1), (2) ou (3) qualquer dúvida quanto ao sentido. Por outras palavras, parque não necessita de qualquer elemento complementador para que seja possível uma inequívoca atribuição de sentido. O sentido que nos vem à mente é, de um modo geral, o de um espaço relativamente grande, provavelmente relvado, claramente circunscrito ou delimitado onde as pessoas passeiam. Em seguida, surgem-nos formações como

(4) No parque natural da Peneda-Gerês crescem espécies de grande interesse ecológico.

Aqui natural serve para identificar a natureza específica deste espaço e em que o sentido de reserva é sublinhado. Este mesmo sentido de espaço marcado ou delimitado continua a existir em estru-

turações já bem distintas, quer do ponto de vista sintáctico, quer do ponto de vista semântico.

(5) Passa o verão no parque de campismo.

(6) Instalaram um parque de diversões perto da minha casa.

(7) Já viste os carros que estão naquele parque de estacionamento?

Como se pode observar nestas formações, o sentido é distinto daquele que lhe podia ser atribuído em (1), (2) ou (3). Neste caso, parque não tem^a autonomia de que parecia ser portador naquelas frases e, numa correcta leitura, sem a especificação do grupo de N, só é possível no caso de haver uma reconstituição contextual.

(5') Passa o verão no parque.

?(6') Instalaram um parque perto da minha casa.

(7') Já viste os carros que estão naquele parque?

A não realização do grupo de N leva à imediata atribuição do sentido de parque em (1) à frase (5'). A frase (6') seria interpretada exactamente do mesmo modo, não fosse a impossibilidade de co-ocorrência de instalar e de parque 1.

Apesar do paradigma, em que se subcategoriza o complementador, aceitar várias combinações

parque		de campismo
		de estacionamento
		...

verificamos que existe uma grande fixidez a nível sintáctico e lexical. Estamos, portanto, perante uma forma em tudo distinta da primeira.

Continuando a análise do corpus, surge-nos uma outra formação exemplificada na frase (3)

(3) Aprendera a andar agarrado ao parque.

Neste exemplo, parque designa um objecto semelhante a uma cerca onde os bebés podem brincar. De novo está subjacente a noção de um espaço claramente delimitado, recebendo, neste caso, o objecto circunscrevente o nome do espaço circunscrito. Quer em parque 1 (espaço verde amplo existente na cidade), quer em parque natural, ou parque de estacionamento, de diversões, ..., quer, ainda, em parque, objecto onde se colocam as crianças a brincar, está subjacente a noção de um espaço circunscrito ou delimitado.

Pelo contrário, na formação que apresentarei seguidamente é interessante verificar que esta noção está completamente ausente.

No pequeno corpus que analisei surgem parque industrial, parque automóvel, parque escolar, parque hospitalar, parque imobiliário.

Nestes frasemas parece haver um esvaziamento semântico da unidade parque em termos de referência. Este nominal não designa já um espaço mais ou menos delimitado, destinado a usos distintos, mas serve tão só para designar um vasto conjunto: o conjunto das indústrias, o conjunto dos automóveis, o conjunto das escolas, o conjunto dos hospitais, o conjunto dos imóveis de um país, de um estado, etc.

Do ponto de vista sintáctico, verificamos ser possível fazer comutar o Adj. à direita com um grupo de N.

(9) O parque automóvel encontra-se bastante degradado *
≠ (9') O parque de automóveis encontra-se bastante degradado.

(10) Nos últimos anos o parque hospitalar foi ampliado.

(10')* Nos últimos anos o parque de hospitais foi ampliado.

Como se pode constatar, a substituição do Adj. por um complemento de N provoca uma alteração de sentido em (9) / (9') e transforma (10') numa frase inaceitável. Isto acontece talvez porque nas

formações como parque automóvel, parque industrial, parque escolar, parque hospitalar e parque imobiliário o item lexical regente é desprovido de valor referencial, sendo, simplesmente, marca de colectivo.

Se quiséssemos formalizar e sintetizar o que até aqui foi dito relativamente à distribuição deste nominal, poderíamos construir o seguinte esquema:

(Não se deve confundir esta apresentação com um artigo de dicionário. Aqui pretende-se somente dar conta de quatro nominais "parque" com características semânticas e comportamentos sintácticos distintos.)

PARQUE

1. Zona verde e espaçosa, geralmente delimitada, existente nas cidades e destinada a recreio

Esquema de regência

. O parque estava lindo!

2. parque X — Zona claramente delimitada destinada a fins diversos

Esquema de regência

1 = X
.de N

.Passa o Verão no parque de campismo.

3. parque — objecto de grande porte destinado a circunscrever um bebé ou criança pequena a um determinado espaço onde pode brincar

Esquema de referência

.O parque do bebé é espaçoso.

4. parque X — conjunto de estruturas ou objectos (de utilidade pública)

Esquema de referência

I=X
.Adj.

. O parque escolar foi consideravelmente melhorado.

3. Registo nos dicionários

Efectuada a presente análise, passou-se à leitura dos dicionários referidos anteriormente e à confrontação dos dados obtidos com a descrição aí patente. Com o intuito de abreviar a exposição e facilitar a leitura, construímos o quadro que segue. Na coluna da esquerda estão os títulos dos dicionários consultados. As colunas encabeçadas por parque 1, parque 2, parque 3 e parque 4 assinalam as formações anteriormente analisadas.

Dicionários	Parque 1	Parque 2	Parque 3	Parque 4
Moraes e Silva	+	+	-	Assinala <u>Parque industrial</u> como o conjunto das indústrias de uma cidade, país,...
Aurélio	+	+	-	Assinala <u>Parque gráfico</u> como o conjunto dos estabelecimentos gráficos de uma instituição, cidade, estado. <u>Parque industrial</u> (definido completamente em Moraes e Silva)
Larousse	+	+	+	Assinala como sendo o conjunto de máquinas ou veículos de um organismo, país,...
Dicionário Espanhol de Alvar Ezquerre	+	+	+	+
Cobuild	+	+	(não existe em Inglês)	(NÃO existe em Inglês)
Longman	+	+	(não existe em Inglês)	-

Terminaremos este texto com uma brevíssima leitura dos dados acima apresentados. Dela ressalta o facto de, relativamente às formações do tipo 4, os dicionários de Moraes e Silva e Aurélio registarem parque industrial (Moraes) e parque industrial e parque gráfico

(Aurélis), tratados como uma espécie de composto, mas não como um processo produtivo na expressão de um colectivo. Consideramos que o mesmo sucede com o Grand Larousse, onde é restringido ao conjunto de veículos ou máquinas de um organismo, país,...

É, de facto, o dicionário de Alvar Ezquerria que dá à formação a devida relevância, mostrando a sua produtividade na expressão do colectivo: "Conjunto de instrumentos, aparatos o materiales destinados a un determinado servicio:

~ de bomberos ; ~ automovilístico ; ~ de ordenadores ."

Observa-se também que, em espanhol, o complemento à direita de parque, tanto pode ser realizado por um de N, como por Adj., coexistindo ambos no mesmo paradigma, ao contrário do que sucede em português.

Em inglês não existe parque 3, nem parque 4, pelo que será possível pensar que este tipo de formação poderá ter sido uma importação do francês, ou do espanhol.

Resta-nos concluir que seria interessante verificar a existência, em português, de formações análogas em termos de representação de colectivos.